

A Teoria do Amadurecimento Pessoal

Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo.

(Clarice Lispector – A Descoberta do Mundo).

A teoria do amadurecimento pessoal, conforme já mencionamos, foi considerada por Winnicott como sendo a “espinha dorsal” (Winnicott, 1969b, p.184) da sua teoria e prática clínica. Nela ele expõe as necessidades básicas humanas e os modos como o ambiente pode favorecer a aquisição da identidade unitária, que deverá ser atingida num processo normal de desenvolvimento emocional. Também ali descreve as tarefas, características e dificuldades presentes nos vários estágios ao longo do processo de amadurecimento.

Segundo Dias (2003, p.14) a teoria do amadurecimento pode servir como um “guia prático” para a compreensão da saúde, bem como, dos distúrbios psíquicos, intimamente que estes estão relacionados às etapas do amadurecimento. É o quadro teórico a partir do qual, pode-se explicitar conceitos relativos aos distúrbios e, ainda, pode servir de referência para a detecção precoce das dificuldades emocionais.

Como diz Winnicott, 1962,

“(…) precisamos chegar a uma teoria do amadurecimento normal para podermos ser capazes de compreender as doenças e as várias imaturidades, uma vez que não nos damos por satisfeitos a menos que possamos prevenilas e curá-las. (...). Tentamos prevenir e esperamos ser capazes de conduzir à cura onde quer que haja anormalidade que signifique sofrimento para alguém.”

O processo de amadurecimento pessoal, segundo Winnicott, é constituído por dois fundamentos básicos: a tendência inata ao amadurecimento (*nature*) e o cuidado suficientemente bom do ambiente (*nurture*).

Segundo Dias, 2003, a concepção winnicottiana da tendência inata ao amadurecimento está baseada em outra concepção, a saber,

“Todos os fenômenos humanos são um desdobramento temporal da natureza humana, de tal modo que eles não podem ser descritos, em nenhum nível, como algo substancial, sob pena de se desvirtuar a natureza fundamental do homem: a de ser um modo de temporalização. A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal é a explicitação temporal, na forma de estágios ou etapas, das várias tarefas que a tendência inata ao amadurecimento impõe ao indivíduo ao longo da vida” (p. 93).

Isto parece significar que a natureza humana é quase tudo o que possuímos e que se revela nos fenômenos que vemos agir com continuidade, mas sofrendo transformações, em etapas mediante a observação da evolução de cada indivíduo a partir do nascimento, num processo normal de desenvolvimento e num período de tempo. O indivíduo herda, na verdade, um processo: o de amadurecimento, o qual (na normalidade) é governado pela tendência à integração numa unidade.

É importante atentar para o destaque que o nosso autor delega ao fator tempo porque reforça em nós a idéia de transformação contínua mas, a partir de algo que, na saúde, deve se manter para sempre e, deste modo, desvelará o *eu*. O homem, diz ele, é um modo de temporalização – ou seja, se mostra com características, necessidades variáveis ao longo do tempo no qual se passa o crescimento. O tempo o constitui na medida que depende da passagem de tempo a sedimentação das mais importantes aquisições que deverão se estabelecer. Nada é dado neste processo. Por outro lado, o homem é fruto da tendência inata à integração que permanece ativa por toda a vida, e que traz implícita a noção, assim nos parece, de ser esperado o firmamento daquelas aquisições, quer dizer, no processo normal deverão ter condições de se manter ao longo do tempo. Mais um dos paradoxos de Winnicott. A descontinuidade refletida na transformação constante, na verdade, só pode se instaurar, no contexto da saúde, se trazer consigo o registro da continuidade fornecida pelo ambiente no estágio da dependência absoluta.

3.1

As etapas iniciais do processo de amadurecimento e as tarefas agregadas a elas

3.1.1

Dependência Absoluta

Em geral, ao longo de sua obra Winnicott não estabelece claramente uma relação entre as etapas do desenvolvimento em função de uma idade cronológica, de modo a garantir que cada cuidador do bebê mantenha viva a sua capacidade de encontro com a singularidade de cada bebê. No entanto, para efeito de melhor compreensão, podemos percorrer seus trabalhos e verificar (Abram, 2000, p.98) que o estágio de dependência absoluta se passa a partir do nascimento, prolongando-se numa variação desde a idade de seis semanas até três ou quatro meses. A idade cronológica das etapas do desenvolvimento não são definitivas, inclusive porque dependem e variam, segundo o fator ‘cuidado materno’(Winnicott, 1960, p.43).

A etapa da dependência absoluta trata das ocorrências experienciais, num contexto de indiferenciação do bebê com sua mãe. O bebê não tem nenhum grau de consciência dos cuidados que a mãe oferece ou da sua dependência dela, por esta razão, nos anos cinquenta, este estágio era também chamado de dupla dependência (Winnicott, 1950, p.241.) Neste estágio o bebê não está em condições *de precisar* dos cuidados da mãe, mas está *em posição de sofrer* distorções em seu desenvolvimento (Winnicott, 1960a, p.45), ou seja, o bebê não tem consciência da sua dependência dos cuidados maternos e nem tampouco, de que suas necessidades são satisfeitas por ações de outrém (que não ele mesmo), mas, apesar de não sabê-lo, o seu processo de desenvolvimento emocional sofrerá consequências (distúrbios ou facilitações) conforme estes cuidados lhe sejam oferecidos ou não. Vejamos:

“A recompensa desse primeiro estágio (...) [se num ambiente suficientemente bom] é que os processos de desenvolvimento do lactente não são distorcidos” (Winnicott, 1963a,p.84).

Nesse período de dependência absoluta o bebê não sabe o que é bem feito ou mal feito pela mãe, situação esta relacionada a indiferenciação eu/ não-eu, e sim, a falha do ambiente poderá ser desastrosa, comprometendo o estabelecimento das bases da futura saúde mental. Nesta etapa a mãe *se empresta* para o bebê, ela é o próprio bebê (Winnicott, 1968b, p.95). Esta é uma fase em que o bebê se relaciona com o mundo dos objetos de forma subjetiva. Ele constrói o mundo segundo sua própria subjetividade. O objeto é indiferenciado do eu – objeto subjetivo, e é distinto daquele objeto objetivamente percebido relacionado a vivências derivadas de etapas mais evoluídas do bebê. A mãe se empresta para o bebê na medida que lhe apresenta o objeto real (*object presenting*) no momento em que o neném o alucinou (devido a empatia), no momento em que o bebê está preparado para recebê-lo sem experimentá-lo como uma invasão, que interrompe seu movimento em busca do mundo. Nos diz Winnicott

“Imagino esse processo como se duas linhas viessem de direções opostas, podendo aproximar-se uma da outra. Se elas se superpõem, ocorre um momento de ilusão, uma partícula de experiência que o bebê pode considerar ou como uma alucinação sua, ou como um objeto pertencente à realidade externa” (1945, p.227).

Já dissemos que o estado de preocupação materna primária é o contexto que fornece esta condição. E podemos ainda apreender disto que a relação mãe-bebê de que nos fala o autor não se reduz a uma mãe qualquer com seu bebê, mesmo que ele tenha a preocupação constante de dizer que a maioria das mães está apta a cuidar suficientemente bem de seus bebês. Com isto ele quer dizer que a maioria das mulheres tem as condições emocionais de atingir este estado peculiar, estabelecer o ambiente facilitador, que caracteriza, na saúde, uma condição para o fluir pleno do processo de crescimento emocional, para o amadurecimento do ego. A preocupação materna primária sendo o estado que permite à mãe compreender a necessidade do bebê é também o estado que lhe dá condições de *apresentar-se* de modo contínuo. Ela deve apresentar-se, o mais possível, de um modo que o bebê possa reconhecê-la segundo as experiências que ele já vivenciou e que *são ele mesmo*. É mais um elemento que demonstra a importância crucial daquele estado.

Através da identificação¹ a mãe se habilita a compreender o bebê através da empatia com ele, utilizando-se, inclusive, de sua própria experiência como bebê, ainda que não esteja consciente disso. O estado em que a mãe se encontra é tão particular e tão próprio do contexto da relação primitiva mãe-bebê, que Winnicott (1956, p.401) diz que o comportamento que ela apresenta seria uma doença não fosse pela gravidez. Isto porque é necessário que a mãe seja capaz de “funcionar” em dois registros distintos, segundo os movimentos de dois estágios do desenvolvimento normal do ser humano – ela deve ser capaz de manter, mesmo que temporariamente menos ativo, os aspectos mais amadurecidos de sua personalidade e, ao mesmo tempo, tolerar o estado regressivo em que deverá operar para poder estabelecer uma comunicação empática com o seu neném. E, Winnicott acrescenta: “Sem esta condição temporária, ela é incapaz de transformar as necessidades infinitamente sutis do bebê em comunicação”(1968b, p.96), e ainda, “a identificação é aquilo com que a criança começa”(1968d, p.25) significando que a identificação da mãe com o bebê fornece a ele o suporte egóico necessário que funciona como um casulo, a partir do qual o ego do bebê se torna forte até amadurecer de fato.

O neném ainda não tem condições mentais de saber que a mãe (da realidade) está ali, ou saiu, ou voltará. Mas ele sente os efeitos desses movimentos porque o ambiente está se comportando de modo suficientemente bom, correspondendo sintonicamente às suas necessidades, funcionando como suporte egóico no caso da presença contínua, ou o inverso, ele se vê perturbado pelas inadequações às suas necessidades. Com o passar do tempo, ele cria uma memória da presença (se no ambiente facilitador) e, aos poucos, vai se tornando capaz de reter a imagem da mãe, podendo prescindir cada vez mais da presença real dela (Winnicott, 1962c, p.59-60).

¹ Identificação - “Termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam” (Roudinesco, E.,1998, p.363).

É neste ambiente que as necessidades iniciais do ego² do bebê serão contempladas. Este é o ambiente capaz de proteger o 'vir-a-ser'³(Winnicott, 1963a, p.82) e o 'continuar a ser' (Winnicott, 1956, p.496) do bebê. Esse processo do 'vir-a-ser' estando protegido favorecerá a tendência natural do bebê em “se tornar uma unidade integrada, capaz de ter um self com um passado, um presente e um futuro” (Winnicott, 1963a, p.82). Se o ambiente falha na adaptação, provoca uma reação no bebê e, se reagir a falhas se tornar o padrão da vida do neném, o processo do 'vir-a-ser' estará comprometido:

“com uma relativa ausência de reações a irritações, as funções corporais da criança dão uma boa base para a construção de um ego corporal. Deste modo, se lançam as bases para a saúde mental futura” (Winnicott, 1963a, p.82).

Podemos dizer que o ego corporal refere-se ao esboço mais primitivo do que o ego pode ser. Nesta fase o que está em pauta é a satisfação das necessidades fisiológicas pelo ambiente, levando-se em conta que ainda não houve diferenciação entre anatomia e psicologia.

O momento em que se dá o encontro da alucinação do bebê com a apresentação do objeto de modo consonante é chamado por Winnicott de *primeira mamada teórica* e promove um momento de ilusão que corresponde, se numa relação com uma mãe suficientemente boa, ao estabelecimento de uma área de superposição entre interno e externo, onde é criado o primeiro vínculo do bebê com a realidade. “É o início da constituição de um si-mesmo” (Dias, 2003, p.165). O foco aqui não se centra na instintualidade ou na configuração das zonas erógenas, e, sim, “a qualidade do contato humano”, a realidade das experiências que estão sendo providas no *ato da amamentação*” (*idem, ibidem*).

Tudo nessa época deve se passar na área de onipotência do bebê. Em outro paradoxo, Winnicott (1968, p. 86-90) fala que é fundamental que o neném creia no mundo como criação sua mas, isso só poderá ocorrer se o objeto real, externo

² Roussillon, 1999 (*apud* Ferreira, F.P., 2003, p.69) “define necessidades do ego como a representação do que o ego necessita para fazer seu trabalho de apropriação subjetiva das experiências vividas que tecem a sua história (...)”.

³ Winnicott, 1963a, p.82, comenta: “todos os processos de uma criatura viva constituem um *vir-a-ser*, uma espécie de plano para a existência”. Apreendemos daí a concepção de potencial herdado, que num ambiente suficientemente bom *virá a se tornar* um bebê.

estiver presente. Em outras palavras: para que o bebê possa se manter num estado de onipotência que o protege neste período, sem tomar conhecimento da existência da externalidade e construindo-se com base na experiência de *confiabilidade*, é condição a presença do objeto real. Por outro lado, a ausência deste objeto, paradoxalmente, o levará a uma consciência precipitada da existência do objeto, do mundo externo. Na ausência do objeto, cria-se um estado de *falta* de confiabilidade. A ausência do objeto não dá possibilidade à falha relativa (*idem, ibidem*), aquela que a mãe pode reconhecer a tempo e corrigir-se, e através da qual o bebê poderá, então, tomar conhecimento do sucesso e poderá sentir-se amado. A ausência do objeto por um tempo maior do que o bebê é capaz de suportar – a falha básica (*idem, ibidem*) - o lançará para fora da redoma da onipotência necessária no estágio mais inicial do seu desenvolvimento.

Na medida em que o bebê avança no seu crescimento, a elaboração imaginativa das funções corpóreas relacionada a progressão da dominância instintual promove um amadurecimento no bebê como um todo, inclusive em relação aos instintos – não somente ou principalmente, dos instintos. As funções em ação ao longo do amadurecimento interagem de forma cada vez mais complexa e em torno de uma realidade que também se complexifica. Sendo assim, não é possível dizer somente que a fantasia da atividade oral seja erótica para depois se tornar sádica e ambivalente e, do mesmo modo a fantasia da atividade anal. Não são os instintos por si só que evoluem, o bebê é que amadurece como um todo em direção a unidade, e “*transforma-se de incompadecido em compadecido*” (Dias, 2003, p.302), ou seja, a *pessoa* que é o bebê desenvolve habilidades mentais que lhe fornecem a condição de compreender a sua relação e responsabilidade para com o objeto da realidade e para com os próprios impulsos. A instauração da ambivalência é fruto do amadurecimento do ego, e, não, da função instintual. O ego é que gradualmente passa a se relacionar com o objeto apreendendo-o como um todo e, concomitantemente, o próprio bebê cada vez mais se aproxima de uma identidade unitária, promovendo a percepção de um “bebê” total, com tendências amorosas e destrutivas em direção a um objeto também total, o que cuida (mãe-ambiente) e do qual depende, e aquele que se

presta a ser alvo dos impulsos instituais amorosos e destrutivos (mãe-objeto), unidos num só.

O elemento sexual do processo de amadurecimento, de fato é o cerne do adoecer neurótico, mas é preciso ter em mente, que em qualquer fase do desenvolvimento das funções sexuais estão presentes em paralelo as questões do bebê, enquanto pessoa. E, enquanto tal, está sujeito às tarefas determinadas pelo potencial herdado que carrega consigo e a saúde está amarrada ao bom cumprimento destas passagens.

A primeira tarefa com que o bebê se vê às voltas relaciona-se ao processo de integração.

3.1.2

Dependência relativa

Gradualmente, num processo normal, o bebê se tornará capaz de se relacionar com a realidade e com o objeto objetivamente percebido. O bebê começará a se relacionar com objetos não-eu, numa etapa de dependência relativa do ambiente. Em consequência se instaurará uma área de transição em que objetos e fenômenos intermediarão o contato entre mundo de objetos subjetivos e mundo de objetos objetivamente percebidos.

Winnicott (1951) considera que o brincar, o sonhar são elementos que compõem a área transicional e que pretendem facilitar a passagem do estado de fusão com a mãe gradualmente, para um estado de diferenciação e relação com objetos reais:

“A característica essencial do conceito de objetos e fenômenos transicionais (...) é o paradoxo e a aceitação do paradoxo, o bebê cria o objeto, mas o objeto ali estava, à espera de ser criado e de se tornar um objeto catexizado” (Winnicott, 1971b, p.124).

Com uma provisão suficientemente boa de experiências de ilusão e com o tempo suficiente vivendo no espaço subjetivo, o indivíduo poderá caminhar à frente, e vir a chegar a se relacionar com objetos totais. Continuemos a nossa caminhada.

Num dado momento da primeira infância a criança se encontra num estágio em que está apta a adotar um relacionamento com apenas um outro, no caso, a mãe (Winnicott, 1958a, p.29). Havendo um processo de desenvolvimento normal, nesta etapa se estabelecerá a idéia de valor (relacionada com a idéia de saúde), bem como, será quando o bebê atingirá um status de unidade. Isso significa que poderá experimentar o próprio self como algo inteiro, e poderá vir a operar na vida a partir de uma nova concepção eu/não-eu, onde há um interior e um exterior e uma membrana limitadora que os separa e relaciona simultaneamente. Deste estado de coisas surgirá a possibilidade de responsabilizar-se pelo conteúdo do eu, pelas experiências instintivas, além de uma certa independência do que está fora. Havendo noção eu/ não-eu, o bebê poderá reconhecer que há algo de eu na mãe e, portanto, o seio é parte de uma pessoa. Neste contexto a vivência do que é relacionamento poderá a adquirir sentido.

No ponto que hora apresentamos o bebê está entrando, por volta dos dezoito meses e podendo prolongar-se até os dois anos de vida, no estágio da dependência relativa. Winnicott diferencia o estágio da dependência absoluta deste, da dependência relativa, principalmente pelo fato do bebê aqui já ter adquirido algum grau de consciência da dependência que tem da mãe e dos cuidados que ela dispense: “o lactente começa a saber em sua mente que a mãe é necessária” (1963a, p.84). O lactente começa ‘a saber’ significa que ele já tem uma compreensão intelectual a respeito de algumas coisas. Segundo Winnicott (apud Abram, J. 2000, p.105), o despertar da inteligência se dá na fase de holding da dependência absoluta e estabelece que no estágio de dependência relativa o neném apresenta a capacidade de compreensão intelectual. O próprio Winnicott exemplifica

“ imaginem um lactente esperando a alimentação. Vem o tempo em que o lactente pode esperar uns poucos minutos porque os ruídos na cozinha indicam que a comida está prestes a aparecer. Ao invés de simplesmente ficar excitado pelos ruídos, o lactente usa esses novos itens [relativos ao desenvolvimento atual do lactente] para se capacitar a esperar” (1963a, p.83).

Neste estágio o bebê já pode começar a pensar por conta própria. Não necessita mais da mãe como ego auxiliar pensando por ele. Desse modo, ela pode emergir do estado de preocupação materna primária e pode voltar gradualmente às

suas atividades. Esse é um período caracterizado pela adaptação do bebê às falhas menores da mãe, que representam a desadaptação gradual sensível da mãe e suas falhas permitem que o bebê manifeste o seu impulso que é voltado para a auto-realização (Abram, J. 2000, p.104): o bebê pode protestar pelas falhas, chorar e isso promoverá a possibilidade futura da 'preocupação' ('concern'). Winnicott (1963a, p.83) descreve que "é parte do repertório da grande maioria das mães prover uma desadaptação gradativa (...)". Caso contrário, se a mãe não pode falhar ela obrigará a que o bebê ou permaneça num estado regredido, fundido a ela ou, ainda, que ele a rejeite totalmente. Diante desta circunstância, o bebê não poderá colocar em ação o seu movimento espontâneo, as novas habilidades que adquiriu e que lhe permitem lidar de modo mais complexo com o mundo externo. Se a mãe não é capaz de desiludi-lo por suas próprias características narcísicas, ele se vê impedido de experimentar o choro e os protestos dirigidos à mãe que falhou e que lhe permitirão, no futuro, perceber que o objeto que ele ama, que o corresponde, é o mesmo que falha e para o qual dirige seus protestos – os objetos se fundem. A frustração pode se revelar uma experiência lucrativa "já que a adaptação incompleta à necessidade torna reais os objetos, o que equivale a dizer, tão odiados quanto amados"(Winnicott, 1953, p.25).

Nesta fusão de objetos o bebê terá atingido uma das etapas mais importantes do seu desenvolvimento emocional, a saber, o estado de 'concern'. Ele passará a ter preocupação com o objeto e a percepção de que ele próprio agrediu o objeto – o objeto que cuida e objeto que o desiludiu - são o mesmo objeto. Ele poderá responsabilizar-se pelos seus próprios movimentos e seus próprios impulsos.

A questão da compreensão intelectual em Winnicott, mencionada acima, envolve a idéia da apresentação contínua da realidade, função esta que, segundo ele, inclui a capacidade do cuidador de 'ser ele mesmo' continuamente (*ibid.*). O eixo que do ponto de vista do bebê caracteriza o 'ser ele mesmo' está relacionado a capacidade de devoção do cuidador .

Na dependência absoluta o cuidador devotado é aquele identificado com o bebê. No estágio atual é necessário para o desenvolvimento na normalidade um cuidador capaz de apresentar a realidade de modo não difuso, sem comprometer o 'continuar a ser' do neném, conforme o que já vinha ocorrendo mas, nesta perspectiva é esperado que tenha possibilidade de corresponder a necessidade da

gradativa desilusão, desadaptação permitida por causa dos recursos intelectuais que o bebê agora apresenta.

Na dependência relativa o desenvolvimento do neném e os recursos intelectuais que agora possui permitem à mãe uma desadaptação gradativa e a conseqüente desilusão num tempo, num ritmo que corresponde ao que o bebê precisa, de um lado para manter a experiência de continuidade do próprio 'continuar a ser' e proteger seu desenvolvimento e, por outro lado, experimentar a descontinuidade do ambiente, a falha menor, que neste contexto preserva o pleno desenvolvimento emocional, pois já pode não ser sentido como ruptura do 'continuar a ser' do lactente. Percebe-se que mãe e bebê ainda se mantêm num ritmo compassado especial de se movimentar. Segundo Winnicott(1953, p.25), os meios de que o bebê dispõe neste estágio incluem

- “1-A experiência do bebê, quase sempre repetida, de que há um limite temporal para a frustração, isto é, ela tem um fim. A princípio, naturalmente, o tempo que o bebê pode aguardar até que ela termine é curto.
- 2-Crescente sentido de processo.
- 3-Os primórdios da atividade mental.
- 4-Emprego de satisfações auto-eróticas.
- 5-Recordar, reviver, fantasiar, sonhar; o integrar de passado, presente e futuro
- 6-Os fenômenos e objetos transicionais, que começam a surgir e que progressivamente se espalham por todo o espaço potencial”.

Novamente deparamos com elementos da obra winnicottiana que demonstram que a continuidade é um pressuposto para a possibilidade de uma descontinuidade posterior sem comprometimento dos alicerces que permitirão a emergência do *self* verdadeiro⁴.

O bebê só atingirá a possibilidade de perceber o objeto *se* a apresentação do mesmo for “boa”. Então, temos que, alguém *antes* de um estágio minimamente diferenciado, precisará promover ações que estabeleçam as bases que trarão como consequência a alteridade. Temos que a descontinuidade tem como pressuposto básico a possibilidade de continuidade promovida pelo ambiente suficientemente bom.

⁴ Valler (1990, p.164) destaca uma definição de Winnicott sobre o *self* verdadeiro: “a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal”.

Segundo Ferreira em sua leitura de Winnicott (2003, p.72) o ambiente intrusivo é aquele que não aguarda o movimento do sujeito para a descoberta do objeto, instaurando um comportamento padrão de reação à invasão ao invés de experiências de ‘continuar-a-ser’. Se este padrão se estabelecer inicia-se um processo patológico com a respectiva fixação de um self falso que se desenvolve justamente para manter em isolamento e protegido o *self* verdadeiro

Desse modo, verificamos as modificações e variações pelas quais o ambiente deve passar, de maneira a permanecer suficientemente bom, acompanhando empaticamente o próprio desenvolvimento e conseqüente alternância de necessidades do bebê ao longo de todo o processo de amadurecimento, desde a dependência absoluta até a aquisição de um status de unidade.

3.1.3

As tarefas básicas dos estágios primitivos

Desde o início da vida, no estágio da primeira mamada teórica, a partir de um estado de não-integração e ao longo do crescimento, o neném precisa defrontar várias tarefas, seguindo a tendência inata ao amadurecimento. A teoria do amadurecimento, que aborda estes movimentos, enuncia que são três as tarefas implicadas neste período:

“1) a partir do estado de não-integração, a realização das experiências de integração no espaço-tempo (...) (*integração*); 2) o alojamento gradual da psique no corpo (*personalização*); 3) o início das relações objetais, que culminará, mais tarde, na criação e no reconhecimento da existência independente de objetos e de um mundo externo” (Dias, 2003, p.166).

As características mais primitivas do percurso consistem na questão da temporalização e da espacialização, e mediante seu insucesso várias habilidades cruciais para a saúde emocional ficarão, se não inviabilizadas, comprometidas. A noção de integração tem uma dupla caracterização na obra do autor: tanto é utilizada para designar a tendência inata que leva ao *status* de unidade, quanto às diversas integrações parciais levadas a efeito durante o percurso do amadurecimento.

Podemos nos perguntar como é que o bebê, que não tem o sentido da externalidade, consegue assimilar um elemento tão abstrato como o tempo? Winnicott novamente lança mão da sofisticada dimensão que atribuiu ao ambiente, e formula que o primeiro sentido que o bebê tem do tempo, não se refere ao tempo externo e, sim, a um tempo subjetivo, fruto da continuidade da presença da mãe (Dias, 2003, p.197). Inicialmente, num estado subjetivo de interação com o mundo, o ambiente, através dos cuidados da mãe, deve garantir para que não haja invasão na condição subjetiva do bebê. Condição esta, que aponta para um modo de relação interpessoal bastante peculiar, posto que, ao menos um dos componentes da relação (o bebê) se relaciona com um “outro”, configurado sob sua própria subjetividade. Não se pode falar de alteridade nesta etapa e nem, de sujeito propriamente, porque ainda não há diferenciação eu/não-eu. Este estado de coisas permite ao bebê criar uma noção de previsibilidade, fator principal do ambiente facilitador. A mãe, na medida que se mantém repetidamente presente cuidando do bebê e apresentando-lhe o mundo, que inclui ela mesma (*object presenting*), adequadamente, assegura a manutenção dos impulsos criativos do filho, e, assim, deixa-o permanecer no estado de continuar-a-ser que o leva a criar um mundo que é, inicialmente, ele próprio. A adequação neste contexto refere-se à técnica empática da mãe que a leva a compreender o momento em que o neném está pronto para alucinar o objeto, conforme já mencionado, mas é importante acrescentar que é aí, precisamente neste momento, que ela lhe apresenta o objeto de sua necessidade e o *torna real* (o que o levará à *realização*).

Dias (2003) no remete a quarta tarefa explicitada mais tarde por Winnicott – *a constituição do si-mesmo como identidade* e esclarece que trata-se da introdução por Winnicott do conceito de identificação primária relacionado à teoria do objeto subjetivo e inserido na experiência excitada da amamentação quando o bebê “*torna-se o objeto, fazendo as suas primeiras experiências de identidade*”(p.167).

Apesar destas tarefas encontrarem um estado de organização básica neste estágio inicial, e disto depender o estabelecimento das bases da personalidade sob a égide primordial da necessidade de *continuar-a-ser*, elas estarão em ação ao longo de todo o processo do amadurecimento, porém, revelando, na normalidade, organizações mais e mais rebuscadas.

A memória é uma função de valor incontestável para a aquisição e manutenção de experiências e, daí, para o crescimento, conforme veremos a seguir. Dias destaca que fora de um espaço e tempo

“(...)não há indivíduo se não houver memória de si, aquilo que mantém a identidade em meio às transformações; não há encontro de objetos se não houver um mundo onde os objetos possam ser encontrados e se não houver um si-mesmo que possa encontrá-los”(2003, p.197).

Winnicott descreve uma série intrincada de fenômenos que, gradualmente vão tecendo a trama do amadurecimento. Tão grandes são os desafios que o bebê vai enfrentar neste processo, quanto sólidas são as ferramentas que construirá e que o habilitarão, caso o ambiente lhe facilite o desenvolvimento. A paulatina edificação da memória ocorre na mesma medida e em paralelo à capacidade da mãe de se identificar com o bebê, o que lhe permitirá (à mãe) encontrar um ritmo compassado (ao dele) no modo de se apresentar a ele deixando-o permanecer no seu mundo subjetivo. A regularidade e repetição de suas ações no tempo criam um padrão que, nesta fase equivale a um *quantum* de “conhecimento” por parte do neném, na medida que criam uma possibilidade de o bebê desenvolver um senso de expectativa e previsibilidade. Ele começa a poder “conhecer” o que esperar. A capacidade de memorizar vai se sedimentando e unificando. O que antes representava apenas memórias fragmentadas, passa a formar uma história com presente, passado e futuro. Winnicott (1967a, p.135-7) destaca que este conhecimento não é da ordem do mental. Tudo ocorre aí pelas vias naturais com que o bebê entra em contato através do funcionamento fisiológico do seu corpo, e do corpo da mãe (respiração dela, batimentos cardíacos, o tempo do ciclo da sua própria fome, da digestão, dos processos de excreção, do seu sono e do despertar, os sons, etc.). Trata-se mais propriamente do desdobramento da memória corporal, iniciado desde o útero. Para o bebê a regularidade e repetição com que o ambiente se comporta possibilita a familiarização, uma memorização das sensações corpóreas que permeiam estes cuidados maternos, e que serão elaboradas imaginativamente propiciando um aglutinar de memórias que são a base para formar o ser humano.

A importância da capacidade de identificação e adaptação sensível da mãe ao bebê, além de tudo o que já foi dito a este respeito, está atrelada à otimização

da potencialidade dele para desenvolver e sedimentar a imagem da mãe no seu mundo interno. Winnicott (*idem, ibidem*) postula que as falhas ambientais, nesta área, na fase de dependência absoluta, redundam no esmaecimento da imagem interna pelo bebê ou, se muito intensa, acarretam no apagamento da imagem e na interrupção do continuar a ser do indivíduo. Assim podemos compreender melhor a declaração já emitida acima quanto ao aniquilamento do *eu* nesta etapa precoce. Se, por exemplo, o bebê precisar aguardar pelo alimento um tempo maior do que o tempo em que é capaz de reter a imagem da mãe dentro de si, a ausência da mãe se presentificará internamente, acarretando em angústia. O bebê possivelmente será capaz de aceitar o alimento (quando lhe for oferecido) e saciar a fome (satisfação instintual) que o afligia, mas é provável que esteja incapacitado para significar a experiência, ocupado que está em reagir à intrusão do ambiente. Desse modo, se verá diante de um grande vazio, lançado novamente ao estado anterior (e tão próximo ainda) de não-integração. A relação mãe-bebê manifestará uma marca que poderá não vir a cicatrizar mais. Neste cenário, diante da experiência de aniquilamento decorrente da falha do ambiente, se estabelecerá o núcleo das patologias psicóticas. Aqui não se trata de distúrbios psiconeuróticos, são problemas muito mais primitivos, acoplados à formação do eu, e, não às relações triangulares características da dinâmica edípica. Winnicott (*idem, ibidem*) aponta para a possibilidade do bebê em se recuperar através dos mimos que a técnica da mãe pode lhe fornecer, se este comportamento não configurar um padrão e a mãe puder novamente estabelecer uma sintonia com o ritmo do bebê, e se o bebê puder reconhecê-la de volta. De qualquer modo, descreve esta circunstância como estando a mãe realizando a terapia do neném, tentando recuperar algo que foi perdido. Se a falha causou trauma (quando é excessiva) o neném precisará lidar com um mundo a partir de um posicionamento, do qual agora faz parte o registro da privação.

Todo este trabalho que redundará na capacidade do ser humano em marcar o tempo, vai sendo realizado pela psique, e é mantido pelos cuidados maternos e pela elaboração imaginativa. Daí advirá a apreensão do sentimento de eu e de um corpo onde habita um indivíduo (Winnicott, 1988, p.46). Isto permitirá a que o bebê comece a ter um sentido de futuro inerente ao próprio ser, ou seja, quando estiver diante de uma necessidade, se possuir um suprimento suficientemente bom

de cuidados, que promoveram o incremento da memória, isto possibilitará a que ele contate um aspecto de experiência interior que se formou nele e que está relacionado à noção de que algo (neste caso, satisfatório) irá acontecer. Faz parte da técnica da mãe do cuidar, na saúde, alinhar-se com o ritmo do filho, perceber e corresponder quando ele quer ou não comer, dormir, etc. e, esta receptividade empática revelada nos cuidados cria no bebê a noção de periodicidade de tempo com base em um “molde” forjado pelo próprio ritmo corpóreo dele. Além disso, capacita-o a poder prever o que virá, o que ele poderá esperar quando se vê diante de uma necessidade. Ela passa a operar com sentido de passado, presente e futuro. Este é o cenário para se estabelecer e manter um estado de confiança básica no bebê.

Com tudo o que dissemos até aqui já se tornou evidente a relação que o autor estabelece entre a fisiologia do bebê e da mãe em compasso com o desenvolvimento psíquico. Ele opera uma distinção entre o crescimento físico (vinculado mais intimamente com os fatores genéticos) e o amadurecimento pessoal (fruto das experiências do viver), no entanto os mantém estreitamente relacionados, conforme vemos a seguir

“Ao dissecar a personalidade, faço uso do termo psicossoma com a intenção de preservar o relacionamento fundamental que, na saúde, se estabelece e se mantém entre o corpo e a psique”(Winnicott, 1954-67, p. 71).

Winnicott postula que o processo físico é extremamente vulnerável ao andamento da relação emocional entre mãe e filho (1945b, p.33), em outras palavras, a saúde física pode sofrer sérias consequências se o andamento do processo de amadurecimento não ocorrer de forma exitosa.

E, ainda que, a base da relação do bebê para vir a se relacionar com a realidade, incluindo gradativamente os elementos do mundo externo – outras crianças, a mãe, o pai e com a sociedade,

“consiste na primeira relação bem sucedida entre mãe e bebê (...) [e bem sucedida aqui refere-se] ao primeiro e breve período em que a mãe obedece, naturalmente, aos desejos do seu bebê (...) sem que mesmo uma regra de alimentação regular se interponha entre os dois (...)” (idem, p.35-6).

O que permeia estas colocações é a noção de que, havendo qualquer interferência externa à relação da mãe com seu bebê, impedindo-os de aprenderem sobre si consigo mesmos, impelindo-os a se deixarem invadir pelo mundo externo antes da possibilidade do bebê lidar com a externalidade, nestas condições, o seu sentido de temporalização subjetiva estará comprometido. E, com ele, o processo de integração. A possibilidade de virem a atingir uma sintonia precisa, um acordo em que o funcionamento de ambos e suas necessidades se tornariam complementares, consequência esperada de um desenvolvimento na normalidade, neste contexto, fica cada vez mais afastada. Dias revela em poucas sentenças o grau de importância sobre o que estamos falando

“À medida que o unitário se constrói, com o cuidado ambiental sendo incorporado como uma qualidade que lhe é intrínseca, a integração [se torna mais consistente, a dependência diminui paulatinamente, e o indivíduo] vai se tornando capaz de cuidar de si mesmo. O desenvolvimento da autonomia da criança, com relação ao meio ambiente, está relacionado à capacidade crescente desta de fazer prognósticos”(2003, p.202).

Além da temporalização, a previsibilidade e regularidade do ambiente são condição *sine qua non* ainda, para o desenvolvimento do sentido de espacialização do bebê. Trata-se agora do sentido de habitar o próprio corpo. Origina-se deste sentido, construído pouco a pouco e em paralelo à aquisição do sentido de tempo, a sensação de *se ter um lugar onde descansar*, a idéia de *sentir-se em casa e de ter para onde voltar*. O nível mais básico deste sentido corresponde ao “habitar o corpo”. Os cuidados da mãe aí contribuirão no medida em que ela puder criar no bebê a sensação de contorno, através do movimento, inclusive concreto, de segurá-lo e, assim, reunir suas partes como meio dele experimentar a sensação de estar inteiro e, paulatinamente, poder manter este estado. Se o bebê permanecer muito tempo sem ser sustentado, e isso está relacionado com tudo o que listamos até agora como técnicas do cuidar suficientemente boas, ele perde o contato com o próprio corpo.

Assim como alguns dos distúrbios calcados na aquisição do tempo referem-se à defesas do tipo psicótico, as falhas na aquisição deste sentido relacionado ao espaço pode levar ao desenvolvimento de distúrbios da despersonalização do tipo psicossomático.

Já foi dito à respeito da importância do ambiente fornecer sinais ao bebê que permitam que ele realize prognósticos. Também incluem-se aí, sinais das condições ambientais físicas. Por exemplo, o próprio quarto do bebê e o espaço que ele mais frequenta na casa devem ser mantidos, tanto quanto possível, com a mesma arrumação, ao menos, dos objetos concernentes ao universo dele: o berço, as prateleiras com brinquedos da parede, as cores, o móvel em seu bercinho, etc..

O ambiente/mãe/cuidador deve estar atento aos sinais que do bebê emanam, de modo que possa(m) *tornar real* as necessidades dele. É preciso disponibilizar tempo para o cumprimento destas funções e estabelecimento de comunicações. O ambiente comportando-se consistente e confiavelmente possibilita ao bebê “criar um nicho, que é feito de tempo e concentração, no interior do qual alguma coisa, que pertence ao aqui e agora, pode ser experienciada”(Dias, 2003, p.205).

Esta formulação nos mostra que estamos testemunhando a construção do que chamaremos de mundo interno as etapas mais evoluídas.

3.2

O Estágio do Eu Sou - até a capacidade de se preocupar

Winnicott (1968a, p.46) descreve que atingir e manter o estágio do EU SOU nem sempre é possível, e representa uma tarefa bastante dispendiosa e desconfortável para o bebê. Este é o estágio que constitui, de acordo com o autor, o aspecto central do desenvolvimento humano (*idem*, p.44). É o estágio em que ocorre “a conquista da unidade num *eu* integrado”(Dias, 2003, p.254). Para que essa aquisição se instale no *self* do bebê, o que geralmente ocorre por volta de um ano, um ano e meio (*idem, ibidem*), o ambiente deverá ter se comportado de modo suficientemente bom no que se refere às adaptações e às desadaptações em relação ao bebê. Instalar-se neste novo contexto implica em abandonar a fusão com a mãe, inserir-se no mundo como uma unidade separada, já com reconhecimento da mãe e dos outros objetos enquanto ‘não-eu’. Implica também que tenha havido uma sucessão de experiências acumuladas, de modo a constituir um ser humano total com existência psicossomática, ou seja, que habita um corpo e que experimenta a noção de ter um contorno, um limite que inaugura, une e separa ao mesmo tempo, o mundo externo do mundo interno. Implica ainda, que o

indivíduo tenha colocado de lado todo o resto que reconheceu como ‘não-eu’. Segundo o autor, isso gera uma ansiedade, um medo do ataque que pode advir do mundo repudiado (Winnicott, 1968a, p.46-7). Agora o bebê encontra-se de posse de um mundo interno onde carrega conteúdos que vêm sofrendo integração desde os primórdios e, que inclui o falso-self. Nessa época a criança torna-se capaz de reter a imagem da mãe, mantendo-a viva, por um tempo maior e a personalidade unitária estabelece uma relação mais harmoniosa com o funcionamento do corpo – ambos se reforçam mutuamente com movimentos integrados (Dias, 2003, p.255).

Quando o processo de desadaptação gradual da mãe ao bebê foi falho pode ocorrer uma dificuldade para que o indivíduo consiga se manter de posse da nova conquista. Neste caso observam-se, como diz Winnicott

“deficiências ou distorções no desenvolvimento, [ou ainda], distorções organizadas para lidar com as deficiências. (...) [A tendência para a independência e para a crescente complexificação do sentido de totalidade] pode ou não se tornar um fato(...) caso ela [criança] esteja e continue viva. (...) Também tenho plena consciência do quanto se depende do meio ambiente, e do modo como esse meio, inicialmente importantíssimo, continua a ter significado mesmo quando o indivíduo atinge a independência, por meio de uma identificação com características ambientais, como quando uma criança cresce, se casa e cria uma nova geração de filhos [e participa da estrutura social]” (*idem*, p.44).

Dentre as distorções possíveis, Winnicott (*idem*, p.46) aponta para a do intelecto cindido. Explica-se: conforme já descrito no item da dependência relativa, o bebê, ao longo do processo do amadurecimento conquista habilidades intelectuais que, a certa altura, lhe servirão como meio de compreender e esperar alguns movimentos que o meio ambiente faz para lhe satisfazer as necessidades. Esta nova organização confere a ele a capacidade de tolerar, de modo crescente, a frustração. Torna-se, portanto, evidente que a capacidade intelectual maior ou menor de um e de outro bebê, interferem diretamente na forma como cada um lida com as falhas do ambiente. Para aquele com maior capacidade, à medida do desenvolvimento, o mundo (se num ambiente propiciador) lhe servirá como um grande emissor de diversos sinais sobre o que está ocorrendo, ou vai ocorrer, que dão a ele a condição de interagir baseado na previsibilidade do ambiente.

Do mesmo modo, estas novas habilidades permitem à mãe se libertar daquela condição da preocupação materna primária. No entanto, destaca

Winnicott, a mãe e o bebê podem perverter o uso do intelecto vantajoso do neném e estabelecer um intelecto cindido, ou seja,

“ cinde a psique da existência psicossomática e do viver (...)[acrescentando-se], na mente cindida, um falso *self* em termos de vida, sendo verdadeiro o *self* psicossomático, que fica escondido e talvez perdido” (*idem, ibidem*).

Esta declaração é feita à propósito de esclarecer a distância que pode haver entre a mente e a psique. A mente pode demonstrar uma grande capacidade, mesmo acima da média, porém, sem integração com a psique e sem ser fruto do viver psicossomático, aquela dotação se transforma em desvantagem para o êxito do processo de aquisição do estatuto unitário, que poderá nunca ser atingido. No dizer do mestre

“Isso não é vida, isso é cisão de vida (...)[A mente pode ser brilhante](...) mas é o ser humano que, pela acumulação de experiências assimiladas (...) pode adquirir sabedoria. A única coisa que o intelecto pode fazer é falar sobre a sabedoria” (*idem, p.47*).

Pensamos que esta declaração afirma a premissa desenvolvimentista da obra de Winnicott a partir da afirmação de ser o ser humano o resultado, a soma (Winnicott, 1968a, p.47) de diversos aspectos da personalidade, integrados ao longo de sucessivos estágios, sobre os quais o autor declara ser bastante conveniente que a criança os atravesse dentro “do tempo natural” (Winnicott, 1968a, p.48).

O bebê vem percorrendo seu processo de evolução, às voltas com mutações constantes que o levam a estar diferente a cada aquisição e vivendo num mundo também diferente, conforme se dá a passagem do tempo. O fato é que no processo de amadurecimento saudável é esperado que , em torno de dois ou três anos de idade, o processo de integração da criança tenha se estabelecido mais solidamente. Segundo Dias (2003, p.254) toda criança atinge um momento em que se percebe com uma existência unitária, com uma identidade e uma compreensão sobre si que a levaria , caso pudesse falar, a dizer: EU SOU. Agora de posse de uma realidade psíquica pessoal pode armazenar memórias e relacioná-las às experiências.

Agora, tendo atingido o estágio do EU SOU, o bebê dispõe das bases pessoais necessárias para o enfrentamento da relação com os desafios da

alteridade, que no estágio da capacidade de se preocupar estará representada num objeto total.

O estágio da capacidade de se preocupar, momento em que a criança se encontra diante da realidade objetificada, de pessoas totais, na obra de Winnicott corresponde em alguma medida, ao conceito de posição depressiva de Melanie Klein, a qual desenvolveu contribuições a partir da teoria freudiana relacionada às “origens do sentimento de culpa, a ânsia de agir de forma construtiva e de dar”(Winnicott, 1958c, p.18). Mas o autor, pautado na questão da dependência como solo a partir do qual se desdobra a constituição da subjetividade, acabou por encontrar uma dinâmica psíquica original característica desta etapa e introduziu modificações significativas naquele conceito.

Segundo Winnicott (1958c, p.18), esta nova organização diz respeito a habilidade que a criança passa a demonstrar de se preocupar e de sentir culpa e responsabilidade pelas próprias fantasias instintuais. Conforme vinha ocorrendo com todas as aquisições do bebê durante o percurso do amadurecimento, os modos de apresentação desta nova organização também é fruto da presença contínua da mãe. O nosso autor diz que a mãe deve estar atenta para os gestos da criança que comportem o sentido da contribuição, de modo a auxiliá-la nas tentativas de reparação e de estabelecimento das bases para o amor construtivo (*idem, ibidem*).

Bass (2000, p.266) se pergunta: Qual é a essência da revisão de Winnicott da posição depressiva? E, continua: Ele propôs rebatizá-la de “estágio da preocupação”

(“*Stage of Concern*”). Em algum ponto no desenvolvimento a criança passa a se mostrar preocupada quanto as consequências de seus impulsos, preocupada quanto a sobrevivência do objeto, e preocupada quanto a sua própria sobrevivência. Antes de atingir este ponto, há uma espécie de “crueldade” na experiência instintual da criança: “não há ainda preocupação com os resultados do amor instintual. Este amor é originalmente uma forma de impulso. E mesmo quando o bebê é “cruel”, é crueldade no contexto do narcisismo primário” (*idem, ibidem*), assim, podemos dizer, que não corresponde à tentativa de ataque/destruição do objeto. A noção de amor ganha diversos significados na obra de Winnicott, que, segundo ele, se alteram, se enriquecem com o crescimento.

Neste estágio podemos conceber o amor como “a integração do objeto da experiência instintiva com a mãe integral do contato afetivo”(1958c, p.20).

De acordo com Bass, Winnicott disse que inicialmente

“é somente o observador que pode distinguir entre o indivíduo e o ambiente (narcisismo primário)”. Dever-se-á falar de “uma fundação ambiente-indivíduo, preferivelmente a um indivíduo”(2000, p.266).

Nesta organização “a mãe precisa combinar duas funções, e persistir com as duas no tempo”(idem, *ibidem*). Uma é a função de cuidado ambiental, a adaptação ativa às necessidades do bebê. A outra é o oferecimento de si própria como “o objeto do ataque durante a fase de tensão instintual”, e arremata: A posição depressiva para Winnicott é, portanto, a “junção destas duas funções da mãe” (Bass, 2000, p.266).

Podemos dizer que, finalmente, o processo do amadurecimento pessoal do indivíduo humano atingiu um ponto de culminância que envolve, tanto um desfecho, quanto um novo começo. Dias enfoca palavras do nosso autor muito apropriadas: “(...) o sentimento de ser real e de existir como identidade não constituem um fim em si mesmo, mas uma posição a partir da qual a vida pode ser vivida” (Winnicott, *apud* Dias, 2003, p.255).